

INVESTIGAÇÃO DA AULA DE QUÍMICA NA REDE PÚBLICA DO ESPÍRITO SANTO: O OLHAR DO ALUNO DO ENSINO MÉDIO

Debora Santos¹ (IC), Guilherme Vasconcelos Borghi¹ (IC), Sidnei Quezada Meireles Leite² (PQ)^{*}

1) Aluno de Iniciação Científica, Coordenadoria do Curso de Licenciatura em Química do Campus Vila Velha do IFES.

2) Professor do Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemática, Campus Vitória do IFES. Coordenadoria do Curso de Licenciatura em Química do Campus Vila Velha do IFES. E-mail: sidneiquezada@gmail.com.

Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemática - Campus de Vitória - Instituto Federal do Espírito Santo. Av. Vitória, Avenida Vitória, 1729 – Bairro Jucutuquara, Vitória, ES, CEP 29040-780. Tel.: (27) 3331-2203.

Palavras-Chave: *percepção discente, ensino de química, ensino médio.*

Introdução e Metodologia

O Programa de Avaliação da Educação Básica do Espírito Santo (Paebes) incluiu em 2011 o exame de Ciências. O exame avaliou a situação das escolas do Estado do Espírito Santo, além de medir o grau de aprendizado dos alunos dos ensinos Fundamental e Médio em unidades das redes estadual, municipal e privada. Com relação ao resultado da prova de química, 56,7% dos alunos apresentaram desempenho abaixo do básico. Segundo Zanon e Maldaner (2007)¹, o ensino de química carece de uma profunda reforma nas práticas pedagógicas e nos currículos da Educação Básica.

Neste trabalho, analisamos qualitativamente² 120 questionários aplicados aos alunos de química do Ensino Médio de duas escolas públicas do Espírito Santo. Os alunos questionados foram do primeiro ano do EM, com uma média de idade de 15,3 anos. A identidade dos alunos foi preservada. Os resultados foram tabulados e analisados a luz do Bardin (2010)³. A fim de enriquecer a discussão, analisamos documentos oficiais, como leis e portarias, artigos e livros da área de ensino de ciências e matemática.

Resultados e Discussão

Quando foi perguntado o número de horas de estudo diário além da sala de aula, 78% dos questionados responderam que se dedicavam menos de uma hora por dia. E quando foi perguntado o número de horas em que o aluno ficava no computador, 46% responderam que ficavam mais de 3h por dia. Um fato curioso foi que a maioria dos alunos respondeu que gostava da disciplina de química e importante para formação escolar. No entanto, cerca de 50% dos alunos consideraram o número de aula insuficiente. Percebeu-se que os alunos carecem de maior tempo de estudo de química, inclusive, além da sala de aula.

Ao se abordar o uso de material didático, a maioria relatou que estuda com o livro didático e consideram as figuras atrativas. Cerca de 60% compreende os textos contidos no livro didático. Um fato curioso foi que 50% dos alunos não leem jornal e nem revista. Quando se questionou sobre as práticas pedagógicas realizadas em sala de aula, os alunos relataram que não se promoveu nenhuma atividade dentro e fora de sala, de caráter

lúdico, como a exibição de filmes, visita técnica, leitura de textos seguida de debates, entre outras. Esses dados também foram obtidos por Krüger e Leite (2010)⁴ quando estudaram turmas de PROEJA do ensino médio federal.

Alguns alunos relataram que a atividade extraclasses foi uma aula no laboratório de informática sobre tabela periódica, mas reclamaram que falta um Laboratório de Ciências.

Somente 6% dos questionados demonstraram interesse em ser professor e policial, frente os 30% que relataram querer ser médico e engenheiro, quando foram questionados sobre o desejo de formação profissional.

Conclusões

O estudo propiciou informações sobre a situação do ensino de química na Rede Estadual de Educação Básica do Espírito Santo. Foi possível perceber que os alunos carecem de maior tempo para estudar química.

As práticas pedagógicas, conforme Delizoicov, Angotti e Pernambuco⁵, devem ser repensadas e dialogadas com o contexto escolar. Ser professor não é um desejo da maioria dos alunos.

Percebeu-se que a imagem do professor da Escola Pública ainda está muito desgastada.

as práticas pedagógicas. Agradecimentos

Os autores agradecem à participação dos alunos da Escola Estadual, ao Programa EDUCIMAT do Instituto Federal do Espírito Santo e ao CNPq por fomento e bolsas de IC.

1) ZANON, L. B.; MALDANER, O. A.; Fundamentos e propostas de Ensino de Química para a educação básica no Brasil. Editora Unijuí, 2007.

2) LUDKE, M. e ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em Educação**. EPU, 1986.

3) BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1998.

4) KRÜGER, J. G.; LEITE, S. Q. M.; Ciência e Cognição, vol. 15 (1), p. 171-186, 2010.

5) DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A.; PERNAMBUCO, M. M. **Ensino de ciências: fundamentos e métodos**. 4ª Ed. São Paulo: Cortez, 2011.